textos e encenação

Gil Vicente Tavares

Pareciam homens ao longe

A ESCOLA DA NOITE

Pareciam homens ao longe

Neste espectáculo, o dramaturgo brasileiro apresenta três peças que representam diferentes fases do seu prolífico percurso. **Praça de Guerra** é uma peça curta, inédita, que aborda a questão dos conflitos étnicos e territoriais. Procura-se, no isolamento e no sofrimento de duas vítimas de uma guerra, a possibilidade de entendimento, compreensão e discernimento do que é a vida além de uma fronteira. **Os Javalis** (escrita em 1998) não esconde as influências do "teatro do absurdo" e é assumida pelo próprio autor como uma "metáfora política": o argumento gira em torno de uma suposta invasão da cidade por javalis, que devoram os habitantes e ameaçam exterminar a raça humana. **Os Amantes II** (escrita em 2002 e estreada em 2007) é inspirada pela pintura homónima de René Magritte. A súbita avaria da sua única televisão exacerba as tensões e a falta de comunicação entre um casal até ao ponto da mais dura insensibilidade perante o drama familiar com que a dupla está confrontada. Separadas no tempo por vários anos e adoptando linguagens distintas, as três peças oferecem ao espectador uma inquietante reflexão sobre a condição humana nas sociedades contemporâneas, a partir de temas como a violência, a falta de empatia, as identidades, o consumismo, a solidão, o machismo e a violência de género, a desinformação, a ameaça dos totalitarismos ou a dominação através do medo.

82.ª produção d'A Escola da Noite, realizada em parceria com o grupo brasileiro, Teatro Nu, no âmbito das comemorações do seu 20º aniversário.

textos e encenação Gil Vicente Tavares
interpretação Ana Teresa Santos, Igor Lebreaud, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash
cenografia e figurinos Márcio Medina
desenho de luz Danilo Pinto
som Gil Vicente Tavares, Zé Diogo
vídeo Eduardo Pinto
cabelos Carlos Gago

direcção técnica e de montagem Rui Valente
operação técnica Danilo Pinto, Diogo Lobo, Zé Diogo
montagem Danilo Pinto, Diogo Lobo, Rui Valente, Zé Diogo
execução de cenografia Serralharia do Convento, Lda., Danilo Pinto, Diogo Lobo, Rui Valente, Zé Diogo
estagiários do CTeSP em Luz e Som para Artes Performativas da ESEC Ana Corticeiro, Tiago Marques
execução de figurinos Alda Clemente
execução de adereços Lídia Ribeiro, Márcio Medina
direcção de cena Miguel Magalhães
imagem Ana Rosa Assunção
fotografia Eduardo Pinto
comunicação Eduardo Pinto, Juliana Roseiro, Mariana Banaco, Pedro Rodrigues
produção Eduardo Pinto, Juliana Roseiro, Mariana Banaco
interpretação em Língua Gestual Portuguesa Andreia Esteves, Jéssica Ferreira
limpeza e bar TCSB Cláudia Natividade
distribuição de materiais de divulgação Francisco Guazzelli
assistentes de sala do TCSB Ana Marques, Ândria do Ó, Bruna Marques, Carolina Rocha, Cátia Soares, Cláudia Morais, Inês Machado Bastos, Inês Santos, Maria Dias, Nilce Carvalho, Patrícia Mendonça

fragmentos musicais Petals, *II. Walls Closing*, *7 Papillons: No.2*,— de Kaija Saariaho; *Roots Bloody Roots* de Sepultura

agradecimentos Cena Lusófona, Guilherme Pompeu, Relíquia Jubilante, ZonaPro

> M/14 > 90 min

A ESCOLA DA NOITE

TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO

rtcp Rede Teatros e Cineteatros Portugueses

TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO
3000-097 COIMBRA, PORTUGAL
239 718 238 > 966 302 488
weblog.aescoladanoite.pt
bilheteira@aescoladanoite.pt



Igor Lebreaud, Ana Teresa Santos, *Praça de Guerra*.
Fotografia de ensaio: Eduardo Pinto.



Ricardo Kalash, Igor Lebreaud, *Os Javalis*.
Fotografia de ensaio: Eduardo Pinto.

Há 25 anos, eu chegava em Coimbra.
A convite da Cena Lusófona, passei seis meses num estágio em Portugal, rodando o país. Acompanhei ensaios, assisti a diversos espetáculos, tive acesso a textos e pensamentos que foram fundamentais na minha formação.
Dentre as diversas atividades, lemos, com o elenco d'A Escola da Noite, algumas peças que eu havia escrito ainda estudante da universidade. Tempos depois, uma dessas peças, *Os javalis*, foi traduzida por Letizia Russo junto com *Os amantes II*, e ambas foram unidas numa leitura encenada em Roma.
Logo em seguida, fundei meu grupo, o Teatro NU, em Salvador da Bahia. Estreamos *Os amantes II* em 2007 e *Os javalis* em 2008.
25 anos depois da minha passagem por Portugal, pela Cena Lusófona, eis que sou convidado a vir dirigir algo com A Escola da Noite. E comemorar os 20 anos do meu grupo. Sugiro dramaturgia clássica, contemporânea, e de repente me chega a notícia de que haviam escolhido *Os javalis* e *Os amantes II* (um ciclo que se fecha?). Acabei por sugerir uma espécie de prólogo, e lemos P*raça de guerra*. A equipe aprovou, e assim nos decidimos por um tríptico.
Seguimos com estilhaços de guerra nos destroçando a alma. Com javalis batendo em nossa porta, nossa mente e nos-sas ideias. E homens tolos idiotizados por telas, violentando mulheres e mutilando as belezas do mundo. E sempre os homens como protagonistas da desgraça.
Felizmente, temos o teatro para tentar questionar, incomodar, provocar. Felizmente, temos companhias como A Escola da Noite, que topam entrar nesta aventura, e ainda trazer Márcio Medina, artista precioso, para compor essa obra conosco.
Encanto-me com A Escola da Noite. A equipe toda respira junto, e oxigena a cena com ideias, talentos e uma devoção que comove, e me alimenta a seguir e continuar acreditando neste ofício.
Em meio a todos os problemas do nosso planeta já não tão azul, ainda podemos realizar o milagre de estarmos aqui. Num pacto de ficar, por dezenas de minutos, longe das obrigações e violências cotidianas, das telas, dos tolos, em silêncio, para ouvir pessoas criando um outro e novo mundo.
Para ver, de perto, o que talvez pareça sermos nós, ao longe.

Gil Vicente Tavares

Pareciam homens ao longe

PRAÇA DE GUERRA

No meio de uma guerra, dois desconhecidos encontram-se, por acaso, nas ruínas de um bar. É um encontro de solidões, culpas, arrependimentos e, talvez, esperanças.
Peça etérea, com o ritmo esfiapado de um sonho a querer despertar, Praça de Guerra coloca dois lados opostos de um conflito sentados à mesma mesa, a partilhar fragmentos de si. No intervalo dos bombardeamentos, as palavras dela e dele vão aprendendo a dançar umas nas outras, à procura de um encontro mais genuíno do que o físico, possibilidade esboçada de um mundo melhor. Recordando-nos de que a música é na verdade feita de silêncios, vai surgindo, nesse subtil bailado de frases inacabadas, um discreto poema com os versos escondidos naquilo que as personagens calam.
Saberemos ouvir? Ou teremos de aumentar o volume?

IGOR LEBREAUD
actor neste espectáculo

OS JAVALIS

A escrita de Gil Vicente Tavares pertence ao mundo dos pequenos milagres, que cada vez mais raramente acontecem, quando se enfrenta a leitura de muitas peças de teatro provenientes do mesmo mundo cultural, como pode ser a realidade baiana ou brasileira. Falo de pequeno milagre porque é uma escrita que, pelo estilo, objetos de pesquisa artística e humana, e pela forma, se coloca corajosamente longe das modas, do folclore, das supostas tendências da cena teatral ocidental. Aquilo que me atingiu, como autora e tradutora das suas peças, é a capacidade de manter vivos ao mesmo tempo dois ou até mais teatros dentro de uma escrita só: o uso dos personagens, da matéria teatral enquanto história, trama, desenvolvimento, é filtrado através dos óculos que o teatro do passado nos entregou, e a capacidade de Gil é usar esses tais óculos para reinterpretar o mundo em que nós vivemos, nós, agora, e aqui, de maneira nova, original no sentido etimológico do termo. Qualquer que seja a forma que Gil escolhe para representar e dar palavra aos seus personagens, ele consegue chegar perto daquele ideal de arte que Pavel Florenskij descreveu como caraterística fundamental da atitude do artista: «O artista, se encostando aos cânones artísticos universalmente humanos, encontra a força para configurar a realidade contemplada autenticamente, e tem a certeza de que a sua própria obra, se for verdadeiramente livre, nunca resultará como duplicado da de ninguém. Apesar disso, o objeto da sua preocupação não é a comparação com os outros, mas sim a verdade daquilo que está a descrever». Eis o pequeno milagre da escrita de Gil, e d'*Os Javalis*: consegue falar do presente eterno da humanidade com ironia, força, sem piedade, com uma solidariedade para com as misérias do nosso ambiente humano e cultural, e a capacidade de se fazer ouvir própria das crianças na sua pureza, e a capacidade de falar a todos, até às crianças.

OS AMANTES II

Se existe um dever do teatro contemporâneo, com certeza é a obrigação de não ser inócuo, nem confortável. Assumir e levar para frente uma reflexão o mais honesta possível. Nos anos em que vivemos talvez mais do que em qualquer outra idade, honestidade intelectual e desconforto do público (pra não falar da crítica, por sua própria natureza em eterno atraso no reconhecimento dos impulsos vitais da cultura e, ironicamente, sempre pronta a trocar vícios antigos por falsas novidades), andam, justamente, de mãos dadas.
A urgência da arte, e do teatro contemporâneo especialmente, é não mais nem menos do que aquilo que Aristóteles chamava à arte: uma atitude de procura da verdade.
Aquilo que mais atinge em *Os Amantes II* de Gil Vicente Tavares é a sua capacidade desapiedada de retratar cada um de nós. Com um pequeno aperto no coração descobrimos que, nesses três personagens que andam perdidos nos poucos metros quadrados de uma casa, à procura do único contacto com o mundo que para eles é possível, há o retrato do nosso vizinho, do nosso amigo, do nosso familiar, até descobrirmos que é também de nós próprios que este texto fala.
Só podemos aceitar essa descoberta como um fogo que sara ou, então, recusá-la completamente. Nós, cada vez mais "livres" de atingir informação, diversão, crescimento, cada vez menos livres de distinguir entre um e outro, e de distinguir um e outro no seu próprio interior. Cada vez mais condenados a sermos governados por uma elite, de geração em geração mais oligárquica, elite de pessoas que terão em suas mãos as chaves da verdadeira cultura ou sabedoria, ou seja, a capacidade de discernir.
Nós, condenados, de regime em regime, de pseudo-democracia em pseudo-democracia, a votar em pessoas que do verdadeiro poder serão cada vez mais apenas a sombra.
Mas *Os Amantes II* não é só uma peça política, apesar de que este elemento de reflexão não-ideológica e sem partido político está na base da peça.
Os Amantes II é um texto profundamente humano, cuja força poética está no seu esforço de universalização, na recusa da lógica das nações, do folclore, e longe também da crônica bruta: nesses três laivos de solidão é possível reconhecer uma humanidade ofendida, pisada e despida da possibilidade de procurar a felicidade, mas ainda digna, ainda capaz de gritar, ainda capaz, se só quisesse, de dar a vida.

LETIZIA RUSSO,
dramaturga e tradutora



Gil Vicente Tavares
Encenador, dramaturgo, compositor e professor na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cénicas, Gil Vicente Tavares é formado em direcção teatral (Prémio Revelação COPENE de Teatro, actual Braskem, pela sua peça de formatura – *Quartett*, de Heiner Müller) e doutorado em artes cénicas, com a tese *A herança do absurdo*. Em 2006, criou o grupo Teatro NU. Com mais de dez espectáculos realizados, o grupo tem acumulado prémios e participado em alguns dos principais festivais de teatro do país. Destacam-se: *Sargento Getúlio* (2011), Prémio Braskem de melhor espectáculo e melhor actor; *Quarteto* (2014), Prémio Cenym de melhor grupo de teatro, melhor qualidade artística, melhor iluminação, melhor maquilhagem e melhor cartaz; *SADE* (2015), Prémio Fapex de Teatro, Prémio Braskem de melhor texto e Prémio Cenym de melhor elenco; *Os pássaros de Copacabana* (2017), Prémio Braskem de melhor encenação e melhor actor e Prémio Cenym de melhor monólogo nacional; *Um Vânia*, de Tchekhov (2018), Prémio Braskem de melhor espectáculo, melhor encenação e melhor actor; *As tentações de Padre Cícero* (2018), Prémio Braskem de melhor texto e melhor direcção musical. Em 2019, dirigiu a sua primeira ópera, *Lídia de Oxum*, de Lindenbergue Cardoso e Ildásio Tavares, com a participação da Orquestra Sinfónica da Bahia, com a qual tem trabalhado na direcção de diversos concertos. Destacam-se ainda trabalhos como a encenação de *Alzira Power*, o trabalho como co-argumentista do filme *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado, e a co-autoria do espectáculo *Vixe Maria, Deus e o Diabo* na Bahia. Em 2024, dirigiu o espectáculo *A visita da velha senhora*, de Dürrenmatt, pela Companhia de Teatro da UFBA, com a grande actriz Ítala Nandi. O espectáculo foi finalista do Prémio Shell na categoria destaque nacional.



Miguel Magalhães, *Os Amantes II*.
Fotografia de ensaio: Eduardo Pinto.

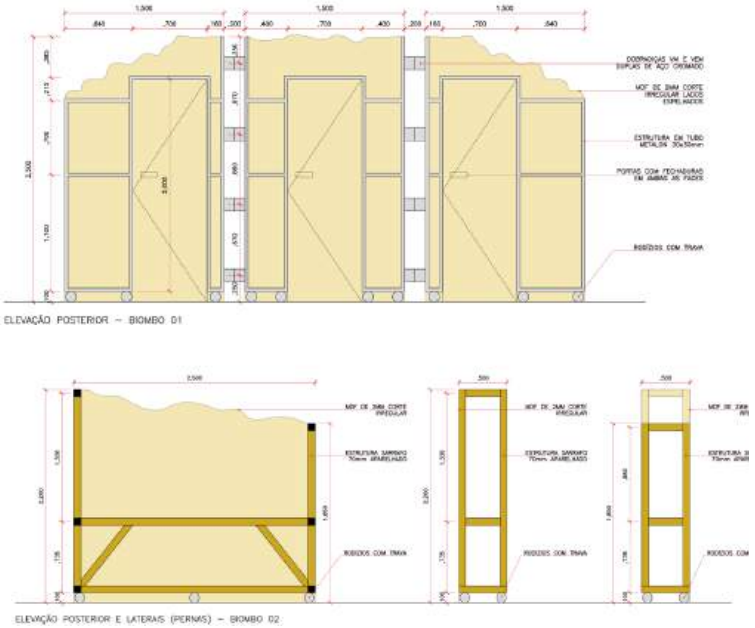


Ricardo Kalash, Igor Lebreaud, *Os Javalis*.
Fotografia de ensaio: Eduardo Pinto.



Márcio Medina
Diretor de Arte e Cenógrafo, artista de vasta inventividade, transita pelo erudito e o popular com considerável assiduidade, colaborador constante de várias companhias e um dos diretores de arte mais requisitados.
É cenógrafo há mais de trinta anos, do Centro de Experimentação e Pesquisa Teatral de Pontedera em Itália, lendário centro que abrigou e trabalha a partir dos conceitos de Jersy Grotowski.
No Brasil, trabalhou com vários diretores e companhias, entre elas: José Celso Martinez Corrêa, Cia Livre Cibele Forjaz, Teatro da Vertigem Antônio Araujo, José Possi Neto, Grupo Galpão, Maria Thais, Fauzi Arap, Carlos Gradim, Companhia do Latão, Gil Vicente Tavares (espetáculo *As Tentações de Padre Cícero)*, Marco Antonio Rodrigues, Roberto Bacci, Francisco Medeiros Kiko Marques.
Representou o Brasil na Quadrienal de Praga ganhando a triga de ouro, com o espetáculo *Br3* do Teatro Vertigem, espetáculo realizado no Rio Tietê em São Paulo.
Algumas óperas e musicais realizados:
Stravinsky; *O Libertino,* Theatro Municipal de São Paulo.
Mozart; *Don Giovanni*, Theatro Nacional de Cluj - Roménia.
Jules Massenet; *Don Quixote* Theatro La Pergola - Firenze;
Os Saltimbancos, Palácio das Artes - Bahia.
Lydia Oxum opera negra, Teatro Castro Alves - Salvador da Bahia, direção de Gil Vicente Tavares.

(texto extraído do acervo do Itaú Cultural)



Projecto de Cenografia: Márcio Medina.



Miguel Magalhães, Ana Teresa Santos, *Os Amantes II*.
Fotografia de ensaio: Eduardo Pinto.